



**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

SAMARA LOURENÇO DOS SANTOS

**REESCREVENDO HISTÓRIAS: OS IMPACTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS (EJA) NUMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE BATURITÉ-CE**

ACARAPE-CE

2024

SAMARA LOURENÇO DOS SANTOS

**REESCREVENDO HISTÓRIAS: OS IMPACTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS (EJA) NUMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE BATURITÉ-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto
de Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB), como requisito parcial para obtenção
de Título de Licenciada em Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira.

ACARAPE-CE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Samara Lourenço Dos.

S237r

Reescrevendo histórias: Os impactos da Educação de Jovens e Adultos EJA / Samara Lourenço Dos Santos. - Redenção, 2024.
Of: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto De Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2024.

Orientador: Pof Dr. Luís Carlos Ferreira.

1. Educação. 2. Educação de Jovens e Adultos (EJA). 3.
Formação. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 370

SAMARA LOURENÇO DOS SANTOS

**REESCREVENDO HISTÓRIAS: OS IMPACTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS (EJA) NUMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE BATURITÉ-CE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto
de Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(UNILAB), como requisito parcial para obtenção
de Título de Licenciada em Pedagogia.
Orientador: Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luís Carlos Ferreira – (Orientador – UNILAB)

Professora Dr. Joserlene Lima Pinheiro (Examinador/a – UNILAB)

Professor Me. Pedro Bruno Lima (Examinador/a Externo – UERN)

Neste pequeno, mas sincero texto, dedico este trabalho a Deus, autor de maravilhas em minha vida, cuja presença me auxilia nas minhas escolhas, abrindo caminhos e me segurando pela mão, me dando confiança frente aos desafios e adversidades, me acompanhando rumo à realização dos meus sonhos. Sem Deus, (o todo poderoso) nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos são destinados a Deus, pelo apoio nos momentos de angústia, pela força que me foi dada durante esse processo de escrita desse trabalho; por abrir espaços frente às dificuldades e por ser meu guia, desde o princípio, na tarefa de lutar pela minha felicidade e não desistir de meus sonhos. Que as minhas preces e a minha gratidão cheguem ao Senhor.

Aos meus pais Dona Vera e Clovis por me dar uma boa base na vida. O amor que vocês me mostraram é grande, tão grande que sempre terei o objetivo de mostrar o mesmo amor aos meus futuros filhos. Obrigado, por serem ótimos pais, pelos sacrifícios que vocês fizeram com a intenção de se tornarem bons pais. Eu aprecio cada momento e cada gesto.

Aos meus avós por cada momento passado ao lado de vocês, sinto-me enriquecida pela sabedoria e amor incondicional de vocês. Obrigado por serem os avós incríveis que são, por serem faróis em minha vida, guiando-me com seu exemplo. Saibam que meu coração transborda com um amor profundo e eterno por vocês. Vocês são um presente precioso em minha jornada. Obrigada por não me abandonar em nenhum momento.

Ao meu companheiro, Phillip, por me fazer sentir que sou a pessoa mais linda no mundo todo, por segurar minha mão tão bem, a cada consulta, cada noite em claro, dando seu melhor para aliviar tantas dores. Deus sabia exatamente o que eu pedia em oração ao me dar você, obrigada por está comigo no meu melhor e no pior. Eu te amo muito e não consigo imaginar minha vida sem você nela.

Ao meu orientador Professor Dr. Luís Carlos Ferreira pela sua orientação, parceria, dedicação, paciência e profissionalismo. Todo o apoio e atenção dedicados a mim foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho. Graças a ele, consegui chegar aonde estou, e minha aprovação será apenas mais uma etapa desta caminhada de sucesso.

Gratidão, também, a UNILAB que me deu o conhecimento necessário para concluir este trabalho. A Escola Coronel Estevão Alves da Rocha meus sinceros agradecimentos, servidores administrativos, funcionais e docentes que, em conjunto e devida união, fizeram essa experiência um período rico e muito importante, sendo possível perceber o empenho para com os alunos e demais envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Aos meus amigos e colegas, principalmente a Carol pelo apoio em meio há esses dias tão difíceis, que a qual me encontro hoje e ao Francisco Danierbes Santos por ter posto tanta sabedoria, cuidado e, por compartilhar mesmo distante, tantas coisas boas. Vocês são os tipos de amigos (as) que tornam a vida mais bonita. Obrigada por tudo! Grandiosos somos nós, essa vitória é coletiva, sempre foi! Viva a Educação!

“Ninguém nega o valor da educação e que um bom professor é imprescindível. Mas, ainda que desejem bons professores para seus filhos, poucos pais desejam que seus filhos sejam professores. Apesar de mal remunerados, com baixo prestígio social e responsabilizados pelo fracasso da educação, grande parte resiste e continua apaixonada pelo seu trabalho. Aos professores, fica o convite para que não descuidem de sua missão de educar, nem desanimem diante dos desafios, nem deixem de educar as pessoas para serem “águias” e não apenas “galinhas”. Pois, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda”

Paulo Freire

RESUMO

A pesquisa objetiva analisar os efeitos da alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na vida dos estudantes adultos e idosos de uma escola da rede pública municipal de ensino do município de Baturité, no interior do Ceará. Como metodologia de trabalho optou-se pela pesquisa de cunho qualitativo, com métodos que vão desde uma pesquisa de campo, cuja abordagem foi do tipo observação-participante, até a implementação de um grupo focal para detalhar determinadas situações no local pesquisado, onde estudantes de uma escola da rede pública municipal de Baturité-CE foram convidados a dialogar sobre um determinado assunto, a partir de uma técnica de roteiro, com questões semiestruturadas, presente no final do trabalho. Conclui-se que os impactos da EJA na formação pessoal e sociocultural dos estudantes em Baturité, integraram as dimensões da formação, da comunicação e da mobilização social. Apesar de apresentarem características distintas, tais dimensões representam um todo que, integrado, acabou apontando a educação como um ato político, ferramenta compromissada com o desenvolvimento e com a emancipação humana, sendo a única capaz de mudar realidades.

Palavras-chaves: Educação. Formação Sociocultural. EJA. Políticas Educacionais.

ABSTRACT

The research aims to analyze the effects of literacy in Youth and Adult Education (EJA) on the lives of adult and elderly students in a public school in the city of Baturité, in the interior of Ceará. The methodology chosen for this work was qualitative research, with methods ranging from field research, whose approach was participant observation, to the implementation of a focus group to detail certain situations in the location studied, where students from a public school in Baturité-CE were invited to discuss a specific topic, using a script technique with semi-structured questions, which is present at the end of the work. It is concluded that the impacts of EJA on the personal and sociocultural development of students in Baturité integrated the dimensions of education, communication and social mobilization. Despite presenting distinct characteristics, these dimensions represent a whole that, when integrated, ended up pointing to education as a political act, a tool committed to development and human emancipation, being the only one capable of changing realities.

Keywords: Education. Sociocultural Training. EJA. Educational Policies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. CAPÍTULO 1: SUBJETIVIDADES NO CHÃO DA SALA DE AULA – MEMÓRIAS DE UM ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA).....	14
1.1 Sua carne não te define (VOCÊ) é o seu próprio lar: a construção do objeto.....	14
2. CAPÍTULO 2: CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – DA HISTÓRIA À NOSSA ESCOLA.....	25
2.1 Educação de Jovens e Adultos.....	25
3. CAPÍTULO 3: OS IMPACTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIOCULTURAL DOS ESTUDANTES DE UMA COMUNIDADE EM BATURITÉ-CE.....	36
3.1 A Escola e o Grupo Focal.....	36
3.2 Os diálogos estabelecidos.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXOS.....	51

INTRODUÇÃO

No panorama multifacetado da educação, há histórias que se entrelaçam com as próprias vidas dos que nelas se inserem, histórias que ecoam além dos muros das instituições de ensino, alcançando o interior das comunidades e transformando destinos. Entre essas narrativas enriquecedoras, emerge a trajetória das pessoas que passam pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto uma modalidade que, muitas das vezes, transcende a rigidez dos currículos formais, abrindo caminhos para aqueles que por diferentes instabilidades da vida foram afastados das salas de aula na idade regular.

Neste trabalho, propomo-nos a mergulhar nesse universo singular da EJA, com um olhar voltado para a experiência vivenciada na Escola Coronel Estevão Alves da Rocha, situada no coração do município de Baturité, interior do estado do Ceará. Sob a temática "Reescrevendo Histórias: a experiência da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola da rede pública de Baturité-CE", almejamos não apenas compreender a dimensão do papel desempenhado pela EJA na vida dos estudantes adultos, mas também desvendar os meandros pelos quais essa modalidade educacional se transforma em um agente de mudança e renovação nas vidas e na comunidade dos que estão inseridos.

A delimitação deste tema nos permite não apenas explorar as nuances da experiência da EJA na Escola Coronel Estevão Alves da Rocha, mas também abrir espaço para reflexões mais amplas sobre os desafios e as potencialidades da educação de jovens e adultos no contexto brasileiro. Ao focalizarmos nosso estudo, especialmente, nessa instituição, buscamos capturar a complexidade das relações entre os sujeitos envolvidos no processo educacional e os contextos sociais, econômicos e culturais que permeiam suas vidas.

Sendo assim, o propósito da pesquisa é analisar experiências na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na vida dos estudantes adultos e idosos de uma escola da rede pública municipal de ensino do município de Baturité, no interior do Ceará. Considerando suas histórias pessoais, desenvolvimento educacional e perspectivas futuras, a motivação para esta investigação é nutrida por experiências pessoais, observações diretas e uma profunda convicção na capacidade transformadora da educação.

Desde o contato com a realidade da EJA em estágios supervisionados até o testemunho de familiares e amigos, cujas vidas foram impactadas por essa modalidade educacional, percebemos o potencial de emancipação e empoderamento que a educação oferece a esse público-alvo, especialmente para aqueles que buscam uma segunda chance de aprendizado e crescimento pessoal.

A justificativa para este trabalho de pesquisa surgiu inicialmente da experiência vivida na sala de aula por meio de observações do Estágio Curricular em EJA nos Países da Integração, ministrada pelo Professor Dr. Luís Carlos Ferreira¹, especialmente, com os estudantes da rede pública municipal de ensino da EEF Coronel Estevão Alves da Rocha na cidade de Baturité-CE, adultos e idosos que, por inúmeros motivos pararam de estudar e que, nesse trabalho serão contemplados como sujeitos da pesquisa.

Nesse sentido, o estágio na Educação de Jovens e Adultos proporcionou o resgate de uma memória afetiva como indígena da Comunidade Indígena Kanindé de Aratuba-CE, no interior do Ceará e por ter vivido a experiência no ano de 2007 em que minha mãe e meu pai iniciaram na modalidade, incentivados por uma de nossas lideranças que na época cursava o magistério de Licenciatura e cedeu um espaço de sua casa para transformar em sala de aula.

Embora minha mãe não tenha concluído todo o ensino fundamental, durante o tempo na escola, conseguiu ser alfabetizada e chegar até o 5º ano, mesmo com tantos afazeres da rotina de casa como mãe, mulher, cuidadora do lar. Enquanto meu pai, devido ao trabalho na agricultura e roçado, não teve como continuar, mas conseguiu aprender também a escrever o seu próprio nome. Contudo, ressentimos por não termos mais projetos voltados para esse modelo educacional. De tal forma, o estágio em educação de jovens e adultos proporcionou olhar uma nova realidade em sala de aula de turmas multisseriadas² com pessoas de 32 a 60 anos, além de ser uma experiência bem diferente da dinâmica escolar com crianças.

Como metodologia de trabalho, optou-se pela pesquisa de cunho qualitativo, utilizando métodos como a pesquisa de campo, cuja abordagem foi do tipo observação-participante, seguida da construção de um grupo focal, para detalhar determinadas situações no local pesquisado, onde estudantes de uma escola da rede pública municipal de Baturité-CE foram convidados a dialogar sobre um determinado assunto a partir de um roteiro com questões semiestruturadas presente no final do trabalho.

O seguinte estudo possui relevância social, pois a partir dele pode-se refletir a cerca das mudanças de comportamentos dentro do âmbito educacional, fazendo-nos compreender a si mesmo e o mundo onde estamos inseridos, dessa forma, construímos uma identidade para ser um ser social integralizado.

¹ Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana (UERJ/PPFH-2017). Mestre em Educação (UERJ/PROPED-2004) e Graduado em Pedagogia (UERJ/FEBF-1998). Atualmente é professor no Curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), onde também é docente Permanente no Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH).

² São turmas heterogêneas constituídas por alunos de séries diferentes e de idades diferentes que dividem a mesma sala e, geralmente, o mesmo professor. Muitas vezes há diferenças no nível de conhecimento até entre os estudantes da mesma série.

No lado educacional, sua relevância é ainda mais notória, pois as discussões aqui contidas acabam promovendo a interação com o novo, isto é, reivindicando uma educação transformadora e libertadora, contribuindo para a formação de um cidadão pleno, autônomo, crítico, participativo e reflexivo perante a sociedade em que vive.

Ademais, situamos nosso estudo no contexto histórico e educacional do Brasil, reconhecendo as conquistas e os desafios enfrentados pela EJA ao longo do tempo. Desde suas origens até os dias atuais, a trajetória da EJA é marcada por avanços lentos, progressivos, porém, significativos, por obstáculos persistentes que impedem o pleno acesso à educação para todas as pessoas. Em função disso, compreendemos o quanto é fundamental reconhecermos as diversas trajetórias e experiências da EJA, em especial, na Escola Coronel Alves da Rocha, de Ensino Fundamental, assim como precisamos identificar as estratégias para fortalecer e expandir essa modalidade educacional.

A estrutura da presente monografia é composta de uma introdução, possui três capítulos estruturados a partir dos subtítulos descritos a seguir:

No capítulo 1, indicamos o leitor/a sobre minha trajetória e dedicação no ‘chão da sala de aula’ com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) numa espécie de diário de recordações, relatando a rotina exaustiva que esses sujeitos levam para conciliar o trabalho com os estudos, suas subjetividades, dificuldades e o preconceito por retornarem.

No capítulo 2, demonstramos ao leitor a complexidade da EJA, apresentando o percurso histórico da modalidade no Brasil, seus avanços dentro das legislações educacionais, bem como sua realidade dentro dos muros escolares e suas contribuições enquanto política estratégica para o desenvolvimento humano, social e político da nação brasileira.

No capítulo 3, voltamos para a escola pesquisada, a partir das falas trazidas pelo grupo focal dos estudantes que se prontificaram a participar da pesquisa, trazendo suas inquietações, possibilidades e desafios para pensar os efeitos da EJA. Por fim, alguns apontamentos de conclusão, onde ressaltamos o que desvelamos de mais significativo.

CAPÍTULO 1: SUBJETIVIDADES NO CHÃO DA SALA DE AULA – MEMÓRIAS DE UM ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Neste capítulo pretendo situar o leitor/a sobre minha trajetória e dedicação no “chão da sala de aula” com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma espécie de diário de recordações, relatando a rotina exaustiva que esses sujeitos levam para conciliar o trabalho com os estudos, suas subjetividades, dificuldades e o preconceito por retornarem, depois de muito tempo, a frequentar o ambiente escolar. Fico muito envolvida com esse capítulo e, também, muito emocionada, porque deposito nestas laudas um tempo da minha vida que somente agora entendo como foi e é importante para minhas escolhas atualmente.

1.1. Sua carne não te define, (VOCÊ) é o seu próprio lar: a construção do objeto

Tinha dias que eu num tinha nem o que de cumê. Minha mãe sempre me quis ver estudando, era o sonho dela me tornar uma professora, mas **meu pai com aquele jeito “bruto” de ser, nunca permitiu, sempre se referindo como “perca de tempo”,** pois os filhos de Seu Nestor tinham se formado na capital e retornaram para o sertão pra ajudar na venda e, parece que para meu pai não fazia sentido passar sete anos longe de casa e voltar sem nenhuma esperança de uma vida melhor. **Por muito tempo acreditei, mas decidi mudar, a partir do momento que tive meu primeiro filho, né? E buscar novos caminhos. É aquele negócio que a música do Belchior diz: “Presentemente eu posso me considerar um sujeito de sorte, porque apesar de muito moço me sinto são e salvo e forte e tenho comigo pensado, Deus é brasileiro e anda do meu lado”.** (Informação Verbal, grifos nossos).

No segundo semestre de 2021 participei do I Seminário Internacional Integrado do Grupo de Pesquisa Observatório Vozes da EJA – Brasil e África, com a temática “A Educação em Guiné Bissau e as Pesquisas da Alfabetização de Adultos no Brasil” ocorrida, especificamente, no dia 16 de novembro de 2021, de forma virtual, tendo como coordenador o Professor Dr. Luís Carlos Ferreira. Naquele momento, o Professor discorreu com maestria e de forma didática sobre algumas questões que integravam o eixo debate, principalmente sobre o estreitamento de laços entre Brasil e África, com ênfase na alfabetização de adultos.

O seminário organizado pelo Observatório Vozes da EJA oferece, antes de tudo, a oportunidade de inserção e inclusão social através de suas temáticas discutidas anualmente. Neste ano, em específico, despertou-me novas ideias para desenvolver esta respectiva pesquisa, com foco em práticas desenvolvidas por profissionais que trabalham na Educação de Jovens e Adultos nas redes públicas de ensino.

Foi realmente gratificante, enquanto estudante da Unilab, perceber que novas vozes têm surgido cotidianamente no panorama intelectual brasileiro, contribuindo de forma significativa para o avanço na ciência do Brasil e no mundo inteiro. Esse é um dos objetivos que levou a criação do canal no Youtube³ e, que trouxeram convidados de grandes nomes durante a pandemia da Covid-19⁴ para discutir as peculiaridades da educação, tais como: a Professora Dra. Geranilde Costa e Silva⁵, a Diretora do Projeto Alfalit Teresa de Almeida⁶, o Professor Dr. Linconly Jesus⁷, entre outros.

Hoje, encontro-me dentro de uma Universidade da Integração Internacional de currículo pluriétnico, realizando mais uma conquista pessoal, profissional, mas que também é coletiva, pois carrego todos àqueles que sonharam estar ocupando esses espaços, mas que, de alguma forma, a eles foram negados. Meus pais, mesmo sem conhecer a escola, nos diziam que a educação transformava e, hoje, posso dizer, eles tinham razão. Meus pais costumam dizer que o Sertão tem seus corações, as boas novas movem os seus pés e a fé os impulsionam a amar o próximo, bem como acreditar que o amanhã sempre será melhor.

A maneira como eles vivem hoje é decorrente de um longo e complexo acúmulo de práticas, técnicas e significados da comunidade em que vivemos. Os seguintes elementos articulados constituem não só a maneira subjetiva pelo qual vivem, o modo como se inserem e/ou lidam com o mundo ao seu redor, mas também a maneira concreta.

Atualmente, o conhecimento que possuem advém de saberes construídos dentro da nossa própria comunidade, isto é, caracterizados por uma série de métodos de manejo e compreensão sobre a terra (fauna e flora) que os cercam, onde a transmissão desses saberes ocorre por meio da oralidade entre as gerações mais antigas e as mais novas. Suas práticas e modos de vida tradicionais até os dias atuais são formas de resistência à lógica hegemônica, onde seus conhecimentos sobre a natureza acabam nos ensinando diversas formas sustentáveis de agir sobre o meio ambiente, entre outros benefícios.

³ Plataforma de compartilhamento de vídeos mais conhecida e utilizada no mundo. Além disso, ela é também a segunda maior plataforma de buscas, ficando atrás do famoso buscador Google.

⁴ Uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave. Os sintomas mais comuns são febre, tosse seca e cansaço.

⁵ Doutora em Educação. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) do Curso de Pedagogia. Membro do Grupo de Pesquisa: ÁFRICA/BRASIL: Produção de conhecimento, Sociedade civil, Desenvolvimento e Cidadania Global, na linha de pesquisa: Educação e Pedagogias das Relações Étnico-Raciais: territórios, religiosidades e intelectualidades.

⁶ Tradutora e Interprete para palestrantes renomados da Europa, Austrália e EUA. Teresa trabalhou na Escola Bíblica Mount Hope e no Centro Cristão Vida Abundante, onde foi apresentada a Alfalit.

⁷ Professor e Babalorixá. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA e em Licenciatura em Física pela UFC.

O capítulo intitulado “Subjetividades no chão de sala – Memórias de um estágio na Educação de Jovens e Adultos (EJA)” reflete uma mistura do que ouvi naquela apresentação e dos trechos recitados por Emicida, Majur e Pablllo Vittar em “AmarELO” que denunciam uma desigualdade social e a luta pela sobrevivência num contexto desesperançoso onde tudo contribui para um clima de revolta extrema. E, como tal, os seguintes escritos de uma jovem indígena da zona rural contribuem significativamente para o avanço da ciência e educação, terreiro onde muitos/as tiveram suas contribuições minimizadas.

As vivências citadas em “AmarELO” não se distanciam das aqui citadas, pelo contrário, elas se entrelaçam como um tecido de emoções e constroem conexões que percorrem temporalidades, com o intuito de entender o lugar de grupos que possuem menos poder e representatividade em relação aos grupos majoritários em uma sociedade. Assim, como a população negra, os estudantes da EJA são frequentemente marginalizados e enfrentam desigualdades sociais, econômicas e políticas, onde são excluídas e sub-representadas em vários aspectos da vida em sociedade.

Dentro deste contexto, a EJA ainda é vista como uma modalidade educacional marginalizada e restrita aos lugares periféricos. Com a produção frequente de pesquisas voltadas para o campo, levamos a modalidade para espaços jamais discutidos, isto é, para o centro, para um espaço cultural elitizado e, somente a partir daí, começamos a desconstruir o preconceito enraizado a essa modalidade educacional, empoderando e incentivando-os a buscarem a libertação dessas algemas que o sistema cotidianamente nos aprisiona como cita o Emicida (2019) no trecho da música AmarELO que diz o seguinte: “achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes, é dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir [...] liberdade irmão! [...] cê vai sair dessa prisão, cê vai atrás desse diploma, faz isso por nóiz”.

Quero também deixar essas memórias como marca de meu pertencimento com a função de preservar histórias, de garantir às futuras gerações o conhecimento de seus antepassados. Essa linha de raciocínio vai ao encontro ao pensamento de Kilomba (2019, p.12), quando ela fazia referência da escrita em suas próprias obras, isto é, a autora tinha a escrita “*como um modo de tornar-se um sujeito*”, pois eram através de suas narrativas que a autora conseguia transmitir sua realidade, da mesma forma que farei neste capítulo.

Sem ter a audácia de comparar-me com os apontamentos realizados por Grada Kilomba (2019) é o que também pretendo com essa monografia, pois aqui peço permissão e deposito toda minha ancestralidade, no qual sou inteiramente guiada pela sabedoria ancestral do meu povo Kanindé, com energias de paciência, paz e muito amor, despertando-me para o que de fato importa nesta vida. Grandiosos somos nós, essa vitória é coletiva, sempre foi!

Depois de muitos anos sem ter contato com uma sala de aula, refiro-me à educação básica⁸, pois deixei o Ensino Médio em 2016 com a finalização dos estudos, e acabei não retornando para acompanhar o desempenho de outros familiares, muito menos, para participar de reuniões e/ou de festejos que eles costumam realizar em algumas temporadas juntamente com a comunidade em que moro. Somente com minha chegada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, o período dos Estágios e com essa característica peculiar da EJA juntamente com o Ensino das Ciências Naturais ministrada pelo Professor Dr. Joserlene Lima Pinheiro⁹, despertou-me ainda mais o desejo de colaborar com a formação educacional de outras pessoas, afinal elas acabavam revelando-me a importância de se validar conhecimentos que são adquiridos fora da sala de aula e, que por muito tempo, foram ignorados em sala.

Nesse sentido, essas práticas realizadas por ambos os professores faziam-me enxergar sobre a importância do papel do educador, levando-me a relembrar novamente sobre Freire (1996, p. 18), quando ele diz que: *“Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”*.

Para uns, a educação é apenas uma fase que o ser humano deve atravessar para finalizar seus estudos com 18 anos, para outros a educação significa transformação, evoluir, acima de tudo, é buscar os fins coletivos, como nos apresenta Pinto (1989),

A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses. Por consequência, educação é formação (Bildung) do homem pela sociedade, ou seja, o processo pelo qual a sociedade atua constantemente sobre o desenvolvimento do ser humano no intento de integrá-lo no modo de ser social vigente e de conduzir a aceitar e buscar os fins coletivos (PINTO, 1989, p. 29).

Ambos os professores foram isso durante a realização de suas componentes, não de forma isolada, mas percebo que os docentes da Unilab possuem esse diferencial, assim como deveriam ser todos, independentemente de onde exercem suas funções.

⁸ A Educação Básica, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/96), passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio. Alguns sistemas educativos, em particular os de países em desenvolvimento, incluem na educação básica a educação pré-escolar e os programas de ensino de segunda oportunidade destinados à alfabetização de adultos, dando ao educando que não frequentou o ensino regular a oportunidade de concluí-lo, com objetivo de uma educação para todos e promover melhora do desenvolvimento social.

⁹ Professor da carreira do Magistério Superior lotado no Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB. Pedagogo, mestre e doutor em Educação formado pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Integrante dos Grupos de Pesquisa: Matemática e Ensino - MAES; e Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Etnomatemática – GIEPEM.

Durante a realização do Estágio em Educação de Jovens e Adultos fomos orientados a uma postura humanizada dentro da sala de aula, isto é, para que as desigualdades não se propagassem entre uma prática e outra, criando situações que os levassem a refletir criticamente sobre suas vidas, indo além do que já sabiam e mostrando até onde podem chegar através da educação enquanto transformadora de vidas.

Quando trabalhamos a regência e, também, realizamos as atividades sobre ética e ecologia entre saberes, vimos o brilho nos olhos dos estudantes, de não apenas ficarem sentados ouvindo o regente falando e escrevendo no quadro, mas dar-lhes possibilidades de participarem, interagindo, trazendo experiências de sua vida cotidiana e compartilhando com os demais em sala de aula, como verdadeiros como agentes ativos em sua formação.

Durante todos esses dias de estágio na EJA, me fez pensar o quanto somos importantes para nossa sociedade, ainda mais quando são nossos estudantes. Devemos propor um ensino que almeje resgatar a cidadania do indivíduo, validar as subjetividades de cada um e respeitar as diferenças como defende o Sistema de Educação Continuada a Distância,

[...] é fundamental que os professores e professoras dos sistemas públicos de ensino saibam trabalhar com esses alunos, utilizando metodologias e práticas pedagógicas capazes de respeitar e valorizar suas especificidades. Esse olhar voltado para o aluno como o sujeito de sua própria aprendizagem, que traz para a escola um conhecimento vasto e diferenciado, contribui, efetivamente, para sua permanência na escola e uma aprendizagem com qualidade (BRASIL, 2006, p.01).

Conforme as orientações do Ministério da Educação com a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) criada para enfrentar os processos excludentes que marcam os sistemas de educação no país, se assumirmos enquanto docentes o compromisso de sermos (trans)formadores na vida desses estudantes, consequentemente, estaremos fazendo a diferença, mesmo que sejam a passos pequenos, mas os levaremos a refletirem sobre suas práticas diárias, principalmente o quão importante deve ser sua relação com a educação, vista não apenas com sua formação, mas da comunidade que fazem parte.

Certo que se quisermos contribuir com a educação de outras pessoas, temos que aprender a conhecer a realidade do estudante, da sua família e da comunidade que estão inseridos, devendo ser um mediador, facilitador e articulador do conhecimento.

Um dos maiores desafios enfrentados pela EJA em Baturité-CE e, provavelmente, em todo o país, é o alto índice de evasão escolar. Na turma em que vivenciei o período de estágio, por exemplo, dos 15 alunos matriculados, apenas 10/12 frequentavam as aulas, sendo que destes, alguns possuíam frequência baixíssima.

Podemos observar, diante desse cenário, um desinteresse de grande parte dos alunos pelas aulas e, principalmente pela escola, fato que pode ser de uma educação bancária, forma de depositar conhecimento em uma mente vazia, como se fosse um banco (FREIRE, 2005).

A alfabetização de jovens e adultos deve ocorrer de forma significativa, demonstrando a todo o momento que a educação formal e informal deve acontecer, independentemente de quaisquer contextos políticos, religiosos e culturais, além disso, o processo de alfabetização não deve ser pautado na memorização ou apenas na repetição mecânica de técnicas para escrever e ler como ainda acontece em diversas escolas do Brasil e do mundo, herança de uma educação tradicional e tecnicista, como explana Freire (1999) ao falar sobre alfabetização,

Alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escreve o que se entende. [...] Implica uma autoformação da qual se pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Para isso, a alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, apenas ajustado pelo educador. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente diálogos com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhes os meios com que os quais possa se alfabetizar (FREIRE, 1999, p. 72).

Podemos perceber, a partir da citação acima, que o público atendido pela EJA possui características próprias e, todas essas subjetividades fazem da modalidade um desafio constante para discentes e docentes que nela integram. Por outro lado, percebe-se, também, um profissional que não busca atualizações dentro do seu campo de trabalho, fadado a uma prática docente engessada, validando apenas situações de sua época e ignorando as atualidades, sendo necessário um estudo constante para acompanhar as transformações que a sociedade sofre cotidianamente como explana Araújo e Yoshida,

[...] nada está pronto [...] é necessário estar atento às mudanças que estão sendo exigidas do profissional da educação, estar aberto aos conhecimentos que se produz nesta área e que é fundamental para o fortalecimento da profissão e para a própria sobrevivência do educador, existe a necessidade de inovar e criar novas estratégias de aprendizagem sempre. O educador deve se colocar na posição de eterno aprendiz que busca uma formação profissional contínua (ARAÚJO; YOSHIDA, 2009, p. 01).

Vale ressaltar que, não se trata de depositar culpa em nossos professores, muito pelo contrário, mas alertar para aquilo que o docente não está tendo acesso, principalmente, formação continuada e condições dignas de trabalho, como apresenta Veiga e Ávila,

a formação docente é uma ação contínua e progressiva, que envolve diversas instâncias e que atribui valorização significativa para a prática pedagógica e para a experiência, consideradas componentes constitutivos da formação (VEIGA; ÁVILA, 2012, p. 19-20).

Conforme os estudos apresentados acima, esta ação contínua de buscar novos conhecimentos acaba refletindo na prática docente, isto é, no modo que atua na sala de aula, no tratamento para/com seu público. De acordo com os escritos de Siqueira (2009) e ao observar a realidade educacional da EJA nos últimos anos, percebe-se que ser professor da EJA exige formação, comprometimento e empatia para com as pessoas da modalidade, diferentemente do que muitos atribuem a pretensão juízo de que ser professor do ensino regular é suficiente para trabalhar com a formação de jovens, adultos e idosos.

Dito de outra forma, existe a ideia equivocada de que qualquer professor é professor da EJA, muitos que ainda não vivenciam o chão da sala acreditam que não necessitam de formação para atuar nesta modalidade, quando, na verdade, observamos exatamente o contrário. Assim, vemos na fala de uma estudante da EJA em uma de nossas conversas sobre a Educação de Jovens e Adultos em Baturité-CE,

Eu acho que desde o meu retorno para a sala de aula, né? Muitos professores chegam aqui na sala, passam suas atividades e vão embora, sequer pergunta como foi nosso dia ou tiram nossas dúvidas. **Parece que somos invisíveis, né? É uma falta de consideração deles com a gente, né? Só porque a gente é do EJA, somos mais velhos e não sabemos sequer ler ou escrever direito... eles querem nos ignorar, pra eles tanto faz como tanto fez.** O que eles querem realmente é ganhar o dinheirinho dele no final do mês e vida que segue, né? Quebrar cabeça pra que, né? **O boa noite que eles nos dão parece ser forçado, aliás, será que eles querem estar aqui? Eu fico me perguntando todo santo dia, pois a gente não quer brincar de estudar, mas para eles ser professor do centro, como muitos falam, para eles é ser a mesma coisa aqui na comunidade. Eu mesma já o vi sendo autoritário lá no início do ano letivo!** Então eu acho que eu posso deixar relatado aqui um pouco da minha indignação dentro da EJA (Informação Verbal, grifos nossos).

Conforme a fala da estudante, conclui-se que estes professores carecem da capacitação, tanto inicial quanto, continuada. Quando chegam à sala de aula, quase sempre, no período noturno já estão extremamente cansados da rotina diária e acabam somando seu cansaço ao da turma, tornando o desenrolar das aulas um desafio constante.

Como mencionado anteriormente, as altas taxas de evasão na EJA é um dos maiores desafios que esta modalidade enfrenta desde sua criação, pois não basta tê-la criado, a escola deve implantar estratégias para que os seus estudantes permaneçam em seus espaços.

Segundo os estudos levantados por Moura (2009), a preocupação da escola, atualmente, acaba se limitando à mente do educando, ou seja, ignora sua corporeidade, sua linguagem, entre outros fatores, realizando um trabalho reducionista, o que acaba levando o estudante a se afastar da sala de aula, sendo para muitos a segunda ou terceira vez.

Lembrando a passagem de Gadotti (2010, p. 9), o autor pondera que “[...] *não basta matricular os pobres na escola, mas preciso matricular com eles também a sua cultura, os seus desejos, seus sonhos, a vontade de ser mais*”. Observo durante minha passagem pela sala de aula nos estágios supervisionados que falta exatamente isso, trazer para dentro da sala não apenas os estudantes, mas também, sua cultura, seu conhecimento de vida, seus sonhos como nos revela Balzan, Souza, Pedrassini e Vieira (2023) ao falar de acolhimento em sala,

Uma maneira de romper as barreiras para a integração desses alunos [...] é estimulando-os para que compartilhem suas experiências [...] À medida que cria esse sentimento de pertencimento, terá mais facilidade [...] favorecendo a aprendizagem (BALZAN; SOUZA; PEDRASSINI; VIEIRA, 2023, p. 11).

Comungando com o pensamento acima, Franco e Novaes (2001, p.11), afirmam que o terreiro escolar é sempre visto como “*de primordial importância, principalmente por parte das camadas menos privilegiadas da população*”. Se tratando de EJA, essa citação pareceu ainda com mais relevância e, que ficou ainda mais evidente durante minha passagem no Estágio Supervisionado em EJA, porém, nem sempre as instituições escolares têm conseguido cumprir este papel por inúmeros motivos.

Os estudantes da respectiva escola, de maneira geral, são bem flexíveis em relação às participações, pois apesar da pontualidade em ingressar nos encontros, o não acesso a sala de aula por não estarem fardados e/ou terem sua ou a falta de domínio com a escrita e leitura continua dificultando a participação desses alunos nas atividades dentro e fora de sala.

A respeito destas considerações, friso que todas essas relações estabelecidas no chão da sala de aula podem vir a interferir na aprendizagem do estudante, algumas de forma negativa, outras positivas, mas de uma maneira determinante, visto que há vários fatores que perpassam nosso ser, como a questão emocional que contribui de maneira total e defini o tipo de formação que obtemos dentro dos espaços escolares (LEITE, 2013).

Sobre a rotina da instituição, é bastante objetiva, clara e ao mesmo tempo repetitiva. A forma como os docentes organizam seu tempo é bastante cronometrado e limitado para suas atividades, muitas das vezes, não sobra tempo para um momento “tira-dúvidas” ou sequer escutar o/a estudante a respeito de seu andamento naquela respectiva disciplina.

Mesmo com minha presença sendo passageira diante da prática no estágio curricular, tive uma forte atração pela turma e percebi o quanto estar ali junto com os estudantes – observando a construção do conhecimento, errando e acertando – me tornava completa, num mundo feito de tantas obrigações, tornei-me amante da educação.

Ser professora não estava nos meus sonhos, na infância! No primeiro momento, eu só queria ser como minha mãe: doméstica, cuidar da família, possuir aquele gingado na cozinha, principalmente aos finais de semana quando preparava aquele doce de leite e cantarolava baixinho o verso do cantor paraibano Genival Santos¹⁰ que dizia o seguinte “Sendo assim, qualquer dia, eu vou embora, sei que muito você chora, se algum dia eu lhe deixar...”. Atualmente, ainda é sua música favorita.

No segundo momento, sempre me imaginava num palco, às vezes como bailarina, às vezes como atriz. Em ambas as situações, claramente, eu desejava ardentemente fugir de tudo que fosse parecido com a minha vida. Somente alguns anos depois de minha formatura do Ensino Médio que comecei a dar aulas particulares para crianças dos Anos Iniciais.

Como eu ensinava? Explicava o conteúdo, dava exemplos, passava atividades de fixação. Esse era o rito mensal! Com essa rotina fui compreendendo que quanto mais eu soubesse sobre um determinado assunto, mais facilidade eu teria para transmiti-lo. Então, por muito tempo contribuí com as despesas de casa trabalhando como professora de reforço até que resolvi prestar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Com as notas em mãos, foi à vez de tentar um curso, na verdade apliquei naquele que enxergava uma possível aprovação, neste caso, a primeira opção sendo para o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Unilab e, o segundo para Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC).

Entrei no curso sem saber nada! Nem uma noção, mas logo fui achando tudo muito mágico. Lembro-me até hoje quando abri o bloco de notas do computador e digitei minhas primeiras frases no Word¹¹. Na época, havia poucas garotas nas disciplinas que eram ofertadas. E muitos, muitos, muitos garotos. Isso fazia com que eu quisesse ser uma estudante exemplar para poder provar que garotas podem sim estudar ciências humanas e sociais! E provei! Terminei o curso sem nenhuma pendência. Lógico que foi um grande desafio. Tinham momentos que eu achava que aquilo não era para mim, mas eu persisti e não segui sozinha.

¹⁰ Nascido na Paraíba, Genival Santos é um dos artistas com a discografia mais conhecida no Brasil. Com seu ritmo Brega, o cantor teve suas músicas como as mais executadas nas rádios brasileiras. Intérprete de “Cada Coração Sabe o Que Quer”, Genival vendeu mais de 5 milhões de discos.

¹¹ Trata-se de uma ferramenta essencial para todos os escritores e criadores de documentos, possui muitos recursos que permitem criar páginas, documentos, apresentações e outros tipos de trabalho com facilidade. Ele vem com muitas ferramentas integradas que podem ser usadas para criar conteúdo de forma rápida e fácil, estes incluem tabelas, tabelas, gráficos, sumários, marcadores, opções de formatação, etc.

Sempre procurei ajuda dos professores/as e coordenação do curso quando precisava. Eu não deixava passar nada com dúvida, sempre perguntava por menor que fosse minha dúvida. Nesse meio tempo, comecei a ir a todos os eventos da universidade, participar de congressos, semana cultural, entre outras atividades que aconteciam dentro e fora da universidade. Muitos deles eu ia e ficava lá viajando sem entender nada. Pensava: “Nossa, será que um dia eu serei que nem essas pessoas que estão palestrando?” Foi ótimo eu ter frequentado esses eventos mesmo não entendendo muito do assunto, pois foi lá onde eu conheci muitos amigos e, que até os dias atuais fazem parte do meu cotidiano.

No segundo ciclo, matriculada no Curso de Pedagogia, fui compreendendo que gosto de ensinar de um a um, como na minha experiência inicial das aulas particulares. Na sala de aula, isso quase não é possível. Nesse espaço coletivo, meus melhores momentos, aqueles de maior prazer foram os que fiz da sala, um verdadeiro palco. Talvez a arte de ensinar seja isso. Hoje, escrevendo esse capítulo, sentada no alpendre da minha casa, vejo que estava escrito [maktub¹²], mesmo que por linhas tortas, a vida nos leva a novas descobertas.

Mesmo que “ser professora” para muitos possa ser uma profissão sem muito significado e retornos, mas os valores estão naquilo na qual não podemos tocar, a sensação de se tornar uma professora, vindo de uma família onde a maioria não teve oportunidades de frequentar uma escola é bastante gratificante, a batalha não foi em vão.

Hoje, encontro-me dentro de uma Universidade Federal [Internacional] realizando mais uma conquista pessoal, profissional, mas que também é coletiva, pois carrego todos àqueles que sonharam estar ocupando esses espaços, mas que, de alguma forma, a eles foram negados. Ao povo Kanindé, que são os heróis desconhecidos da conservação. A história do Brasil não pode ser contada se não falarmos também dos povos indígenas. A gente só existe porque a terra deixa a gente viver. Ela dá vida para a gente. Não tem outra coisa que dá vida. É por isso que a gente a chama de Mãe Terra.

Ter feito parte da história da Unilab é algo que acaba qualificando o meu currículo naquilo que melhor um currículo pode significar para uma profissional. Durante todos esses anos fui cercada por grandes profissionais, professores atenciosos, qualificados e dispostos a nos ensinar para a vida. Foi com essa plenitude que o Professor Dr. Luís Carlos Ferreira me orientou. Sua paciência permanente era encantadora, como sua generosidade em nos envolver em congresso e projetos, oportunidades e muitas possibilidades de crescimento.

¹² Uma palavra em árabe que significa "já estava escrito" ou "tinha que acontecer". Esta palavra é considerada um sinônimo de "destino", porque expressa alguma coisa que estava predestinada ou um acontecimento que já estava "escrito nas estrelas".

Grandioso também foi o Professor Dr. Evaldo Ribeiro de Oliveira¹³ em sua componente curricular, intitulada, Políticas Educacionais Curriculares e Descolonização dos Currículos nos Países da Integração me indicar diversas obras que serviram de base, tanto para a componente curricular, quanto para a construção dessa monografia. Por fim, existem muitas outras histórias inspiradoras além da minha, histórias de pessoas que superaram obstáculos através da educação, mas essa é apenas o começo.

¹³ Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB(CE). Pertencente ao Instituto de Humanidades, curso de Pedagogia. Pedagogo, Mestre e Doutor em Educação (UFSCar) Possui experiências na área de Educação, formação inicial e continuada de professores. Principais temas de atuação: Educação das relações étnico-raciais; diversidade e formação de professores e currículo.

CAPÍTULO 2: CAMINHOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – DA HISTÓRIA À NOSSA ESCOLA

Neste capítulo pretendemos demonstrar ao leitor a complexidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), apresentando o percurso histórico da modalidade no Brasil, seus avanços dentro das legislações educacionais, bem como sua realidade dentro dos muros escolares e suas contribuições enquanto política estratégica para o desenvolvimento humano, social e político da nação brasileira.

2.1. Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil

Ao pararmos e refletirmos sobre o ontem, o hoje e o amanhã, notaremos de imediato as consequências de nossas ações sobre o mundo, nos diversos momentos históricos, no qual nos tornaremos protagonistas de nossas próprias histórias e por isso, os únicos responsáveis por ela. Faremos hoje o que se tornou possível ontem. Faremos amanhã o que estávamos semeando hoje (FREIRE, 2000).

Levando em consideração a educação como uma produção individual e o indivíduo como construtor da história, dos valores da cidadania e das relações sociais, não podemos nos dar por satisfeito ao afirmarmos que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem cumprido o seu papel em sociedade desde sua criação. Antes de tudo, devemos distinguir tal passagem, pois a EJA não foi criada somente com o intuito de “educar jovens e adultos”, pelo contrário, a mesma surge com o objetivo de remodelar, reestruturar e corrigir uma sociedade acorrentada e pautada em modelos seculares, isto é, moldada no esquecimento, da violência, do autoritarismo e, principalmente de interesses políticos (BARCELOS, 2006).

No Brasil, segundo os estudos realizados por Corti e Vóvio (2007) em nenhum momento histórico, houve sequer um pequeno interesse da elite, seja ela colonial, agrária, latifundiária e/ou industrial em buscar a construção de uma sociedade pautada na equidade, ao mesmo tempo em que se respeitem as diferenças e aos valores como visto nas grandes revoluções mundo a fora, na qual seus cidadãos podiam desfrutar de maneira semelhante os bens e as oportunidades da vida social, como na americana e francesa.

Conforme os escritos de Suzana (2010) todo o processo histórico desenrolou-se como tendência, marcantes as diferenças e a crescente complexidade da sociedade. Diante o exposto, não podemos negar que a sociedade brasileira se formou por sua diversidade, desse modo, a EJA quando foi criada e constituída teve como principal foco os brasileiros

desprovidos de direitos, deveres e privilégios, tendo em vista que historicamente, foram marginalizados, excluídos e impedidos de gozar das políticas públicas criadas na época, causando assim, uma transformação significativa na vida desses sujeitos e espaços, possibilitando a estes o acesso à produção cultural, social e, principalmente econômica.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil surge mais com o intuito de combater a miséria social do que dar continuidade ao desenvolvimento educacional já existente, tendo em vista que mais da metade da população brasileira na época eram constituídos por pessoas totalmente carentes, trabalhadores, tinham sua linguagem própria, e que a todo o momento expressava a sua indignação na sociedade na busca de um ensino aprendido (LIMA, 2010).

Segundo Leite (2013, 73) *“Esses jovens e adultos são portadores de culturas; do meio rural, da periferia, da vila, da origem étnica, da religião etc. eles educam, cuidam de si e dos outros, possuem múltiplos saberes, apesar de não possuírem saberem propriamente escolares”*, desse modo, entende-se que os estudantes dessa modalidade de ensino são indivíduos que buscam o ensino para serem inseridos e vistos pela sociedade e, que muitos buscam esse conhecimento fora da faixa etária de ensino em razão que não tiveram a oportunidade de buscar na idade apropriada, como o autor nos apresenta a seguir,

Inserido em uma sociedade letrada, científica e tecnológica, experimentou a proximidade com os conhecimentos escolares; porém, apenas na fase adulta e que está tendo a oportunidade de ter acesso real a aprofundado a esses conhecimentos (LEITE, 2013, p.75).

Como podemos observar, o estudante da EJA é um indivíduo único e particular, ao mesmo tempo em que é formado por uma pluralidade, suas subjetividades acaba o tornando único onde seus aspectos psicológicos são individuais levantados a parti de sua própria história de vida. Em suma, são indivíduos que vivenciam cotidianamente as exclusões sociais.

Retomando as discussões do percurso da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, Algebaile (2013) em seus escritos sobre a expansão escolar em reconfiguração afirma que a mesma está profundamente inserida em um contexto econômico, social e político, onde a inter-relação entre educação e trabalho passa a ser uma característica recorrente na produção e no sentido da vida dos sujeitos que dela buscam escolarização.

Conforme Castel (2000), o trabalho acaba se tornando o único caminho para garantir a sobrevivência dentro desse sistema perverso que, é o capitalismo, já que ele nos obriga a financiar bens como: habitação, saúde, alimentação, entre outros fatores primordiais para a nossa sobrevivência em sociedade, como nos mostra o autor a seguir,

A falta de trabalho não significa que o trabalho não é importante, mas sim que precisa ser compartilhado, para que um máximo de pessoas possam se vincular a um mínimo de trabalho, às proteções que até agora estiveram vinculadas ao trabalho. Não vejo nada que hoje possa substituí-lo. Pode ser que daqui a dez ou vinte anos inventemos alguma outra coisa que não o trabalho para construir uma identidade social. Porém, é no hoje que precisamos pensar, e a situação está apodrecendo. E é por isso que defendo a posição de que não podemos abandonar a questão do trabalho e devemos continuar questionando se é possível controlar esse processo de desagregação da sociedade salarial. Sei que não é fácil, mas creio que não é impossível (CASTEL, 2000, p. 263).

Conforme as explicações do autor, o trabalho é tido como um meio de manutenção de nossas vidas, fazendo com que busquemos atividades laborais em todas as fases da vida para nossa sobrevivência e dos demais membros que compõem o nosso grupo familiar, o que acaba distanciando muitos da educação na infância e, principalmente na adolescência.

Destacando que o acesso à educação é um direito universal garantido dentro da Declaração Universal dos Direitos Humanos, reconhece-se que ela é responsável pelo desenvolvimento integral de nossas crianças e adolescentes, bem como na melhoria de cada cidadão, como nos revela especificamente o Artigo 26 da Organização das Nações Unidas,

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. 2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, p. 06).

No Brasil não é diferente, esse direito também é assegurado em todo o território nacional pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, sendo dever do Estado garantir a universalidade dos direitos do cidadão, superando as desigualdades e incorporando a diversidade, independente de raça, gênero, etnia, orientação sexual, entre outros. A educação segundo a CF-88 é vista como um dos principais instrumentos de melhoria das condições sociais, sendo estabelecida no Capítulo III como um direito de todos e dever do Estado e da família, conforme encontramos no artigo 205,

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da

cidadania e sua qualificação para o trabalho. Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola; II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino; IV - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais [...] (BRASIL, 1988, p.135-136).

Somente com essas garantias explanadas acima, percebe-se que a educação é a única potência capaz de regular e estimular o processo de desenvolvimento humano e da personalidade humana, tornando aqueles que a buscam verdadeiros sujeitos pensantes, promovendo um pensamento crítico e reflexivo para que assim, possamos entender o meio que vivemos, bem com a capacidade de influenciar nossa capacidade de se relacionar em sociedade, interpretar informações, entre outros.

A partir da década de 1930, segundo os estudos trazidos por Haddad e Di Pierro (2000) a educação de adultos começou a emergir e a ocupar um espaço relevante na história do país, impulsionada pelas significativas transformações na sociedade brasileira. Dentro dos parâmetros educacionais, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de educação, respaldada por legislação e normativas, direcionada a pessoas que, por diversas razões, não puderam ingressar e/ou prosseguir nos estudos durante a idade regular.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96), em seu artigo 37, estabelece que a EJA seja destinada àqueles que não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental e/ou Médio na idade apropriada, como podemos ver a seguir,

Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. § 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento. Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. § 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão: I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos; II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. § 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames (BRASIL, 1996, p.12).

Como podemos observar com a citação acima, a Educação de Jovens e Adultos desempenha um papel de suma importância na vida daqueles que não tiveram a chance de estudar no período regular. Essa modalidade além de proporcionar o aprendizado a esses estudantes, também vem questionar esse convívio-confronto de excluir, ao mesmo tempo, que inclui, bem como a transformação das subjetividades desses sujeitos.

Por outro lado, a EJA é um terreiro fértil para troca de experiências, possibilitando a troca de saberes entre gerações, mas que, muitas das vezes, acabam por serem silenciadas e/ou ignoradas pelo/a professor/a em sala de aula,

A EJA, como espaço de relações intergeracionais, de diálogo entre saberes, de compreensão e de reconhecimento da experiência e da sabedoria, tencionados pelas culturas de jovens, adultos e idosos, tem, muitas vezes, essas relações tratadas como problemas. As formas de expressão conflitam com padrões homogêneos, exigindo acolher a discussão de juventudes, do tempo de vida adulta e de velhices, no plural (BRASIL, 2009, p.29).

Conforme a citação acima, essa troca de conhecimento constrói a capacidade necessária para a melhoria da qualidade de vida, oferecendo a possibilidade de escolher diferentes formas de socialização, tornando-a digna e justa. Nesse respectivo cenário, têm-se como exemplo, o adulto analfabeto que ao se deparar com uma sociedade globalizada necessita de, no mínimo, ser letrado para que, como cidadão, saiba lutar por seus direitos, pois ao contrário, torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos (MELO, 2021).

O que espera-se da EJA, conforme Gomes (2015) é que alfabetize, possibilitando a todos o acesso à cultura, não só escrita, mas também às informações, das quais foram privados, devido à exclusão escolar, além da preparação para o mercado de trabalho. Desse modo, seu objetivo é proporcionar aos seus estudantes a oportunidade de retomar os estudos, visando a busca por melhorias em suas condições de vida, especialmente porque muitos deles provêm de camadas sociais com menor poder aquisitivo.

Conforme os estudos levantados por Sacristán (2005) a maioria dos estudantes que integram as turmas da EJA é composta por trabalhadores que, por diversas razões, não tiveram a oportunidade de frequentar a escola na idade própria, como apresenta o autor,

Ser aluno foi e continua sendo uma experiência e uma condição social fundamentalmente dos menores, que deu a eles a presença e identidade singulares, como classe social diferenciada e reconhecida. Uma oportunidade que foi e continua sendo desigual para diferentes grupos sociais, em função de sua condição econômica, gênero, etc. Se o fato de estar escolarizado é uma vivência que marca o caráter, a

condição social daqueles que estão nas salas de aula, a aceitação no mundo e seu futuro, é preciso admitir que é uma experiência que nem todos tiveram, nem a têm em igualdade de condições, durante o mesmo tempo e na mesma especialidade (SACRISTÁN, 2005, p. 105).

Conforme salienta o autor, esses adultos que buscam a escolarização tardia frequentemente são filhos de pais analfabetos e enfrentaram condições de baixa renda, o que os levou a começar a trabalhar desde cedo para contribuir com o sustento da família. Além disso, há aqueles que ingressaram na escola na idade apropriada, mas acabaram tendo experiências frustradas que os levaram a abandonar os estudos, podendo ser pessoais e/ou até mesmo por conta dos profissionais da instituição que fez parte, como nos mostra Leite,

No caso do adulto que retorna a escola, pode-se dizer que, muitas vezes, sofrem uma dupla exclusão. Num primeiro momento, na infância, não podem estudar, pois precisam trabalhar para sobreviver e ajudar no sustento da família. Num segundo momento, na idade adulta, quando procuram uma escola que nem sempre está preparada para atender-se (LEITE, 2013, p.171).

Mediante as palavras do autor, percebe-se que como todo sistema, inúmeras falhas continuam a serem reproduzidas na modalidade como a EJA e, que acabam revelando índices altíssimos de evasão e, que segundo Leite (2013) um dos principais motivos dessa dupla exclusão que vos fala deve-se a sua aplicação de forma inadequada, isto é, quando a modalidade não foi capaz de garantir aquilo contido em seu próprio documento de criação.

O estudante ao retornar à sala de aula após anos afastado, além de possuir muitas dificuldades e restrições, acaba sendo julgado constantemente por falas de que aquele ambiente não o pertence, sendo ignorado, silenciado e desqualificado, o que acaba levando o mesmo a se fechar diante da realidade. A escola segundo Louro (1997) foi criada para ser um espaço acolhedor, tantas vezes substituindo o seio familiar, entretanto, nem sempre corresponde ao seu propósito, sendo um local perpetuado por exclusões e violências,

Diferenças, distinções, desigualdades... A escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 1997, p. 57).

Há grandes relatos de diversas formas de desrespeitos praticados contra os estudantes da EJA. Lembro-me que durante o Estágio Supervisionado, os estudantes passaram por inúmeros constrangimentos. Eles relatavam que caprichavam na escrita, mas ao serem abordados pelos professores em sala, estes profissionais destacavam que era uma “letra feia”, e os estudantes da EJA apagavam tudo para escrever de novo.

Havia outro caso ainda mais complicado, um senhor de, mais ou menos, 50 anos frequentava as aulas de bermuda, pois não tinha condições financeiras para comprar uma calça e, quase todas as noites, o mesmo era impedido de assistir aula, pois de acordo com a coordenação não era aceito estudantes fora do padrão de fardamento. Os estudantes acreditam também que a forma como a sala era organizada passa muito a ideia de hierarquia, pois os que já sabiam escrever ficavam na frente e, os demais que ainda estavam na fase pré-silábica eram esquecidos nas cadeiras no fundo da sala.

Outros que tentavam escrever frases no quadro, mas quando eram surpreendidos pela risada do professor seguido de um “tá errado!” desistiam e permaneciam envergonhados a aula inteira. Ao longo do estágio, tive também a oportunidade de colaborar e oferecer apoio tanto ao professor quanto aos alunos, sempre que necessário. Nesse contexto, a experiência de estar em uma sala de EJA se mostrou desafiadora e gratificante simultaneamente.

Lidar com realidades diversas e com alunos que já têm suas opiniões formadas e visões de futuro, muitas vezes com o objetivo de melhorar suas vidas ao concluir uma etapa de seus estudos que, por diversos motivos, foi interrompida, foi uma experiência reveladora. Testemunhar a determinação deles em concluir seus estudos e buscar uma educação de qualidade é extremamente gratificante para um educador. Ao final, toda essa experiência reforçou a convicção de que devemos sempre aspirar a grandes realizações e nunca desistir de perseguir nossos objetivos, pois um objetivo claro é o primeiro passo para qualquer conquista.

Os mesmos ainda relatam que muitas das práticas docentes corroboram com a educação era bancária, termo cunhado pelo educador Paulo Freire (2005) onde lhes depositavam conteúdos a todo o momento, de maneira autoritária, e que eram incentivados a memorizar informações sem compreendê-las de verdade, ou seja, era um ensino caracterizado por uma relação fortemente vertical e unilateral entre professor e aluno, educador e educando.

Além disso, relatam que as atividades eram todas prontas, não havia discussões sobre o conteúdo da noite e, que pensaram em desistir pela terceira vez, pois o sentimento, segundo eles, era de fracasso e que a frustração era inevitável. Conforme Pereira (2014), por muito tempo, essa discriminação prevaleceu e, até os dias atuais, prevalece sob os analfabetos, considerando-os como sujeitos incapazes não apenas socialmente, mas também

psicologicamente privados de direitos econômicos, políticos e jurídicos, excluídos do direito ao voto e explorados no âmbito laboral, uma vez que não possuíam conhecimento e cultura.

Contudo, por meio de campanhas educacionais, essa perspectiva preconceituosa gradualmente, segundo Gouveia e Silva (2015) começaram a ser modificada, permitindo que os analfabetos fossem percebidos como indivíduos "normais" e capazes de adquirir conhecimento e cultura. No final da década de 1950 e início da década de 1960 o problema do analfabetismo foi repensado através de uma nova pedagogia de alfabetização de adultos que tinha como principal referência, o educador Paulo Freire.

Anos depois, em 1967, o governo militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com o intuito de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação tecnicista, isto é, voltada para a formação de mão de obra ao mercado de trabalho realizando a preparação do indivíduo para atuar nas grandes fábricas e indústrias, fazendo da educação um processo de burocratização, conforme apresenta Aranha,

Como todo o processo que predominam práticas administrativas, a tendência tecnicista privilegia as funções de planejar, organizar, dirigir e controlar, intensificando a burocratização que leva à divisão do trabalho (ARANHA, 1996, p. 183).

Na educação tecnicista, a escola organiza o processo educativo para torná-lo objetivo e operacional, com foco no auto-ensino e no uso de equipamentos e tecnologias para o ensino no intuito de fornecer aos estudantes as competências necessárias para se tornarem produtivos na sociedade. De acordo com os estudos realizados por Saviani,

[...] na pedagogia tecnicista o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e o aluno posição secundária, relegados que são à condição de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos, imparciais (SAVIANI, 2008, p. 382).

O Mobral possuía também alguns objetivos específicos,

[...] possibilitar a aquisição/ampliação de conhecimentos e o reingresso no sistema regular de ensino; e colocar ao alcance da clientela materiais que despertem e favoreçam o desenvolvimento de mecanismos necessários a uma educação permanente, proporcionando ao alfabetizador, já atuante, aprimoramento profissional (RANGEL, 2011, p. 14).

Como se observa, os métodos que foram utilizados no ensino do Mobral, segundo os estudos de Aranha (1996) eram praticamente os mesmos adotados por Paulo Freire (1996), porém de forma errônea e com outras particularidades, afinal o governo oferecia somente o avesso do modelo freireano, pois ao se debruçarem no método das fichas de leitura, os mesmos não levavam em consideração o conhecimento prévio do estudante, muito menos, existia o processo de conscientização, defendido por Paulo Freire como nos explica Horiguti,

Acreditamos que o “método” de Paulo Freire e o MOBRL baseiam-se em filosofias e metodologias totalmente opostas - enquanto o primeiro procura partir dos conhecimentos prévios dos alunos [...] no segundo, houve uma massificação e imposição dos conteúdos, sem atentar às diferenças regionais e singularidades dos alunos (HORIGUTI, 2009, p. 04).

Logo mais, na década de 70 destacava-se no país o ensino supletivo, criado em 1971 pela nº. 5.692/71,

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado ensino supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecida com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria (LOPES; SOUSA, 2005, p. 43).

Seguindo o percurso, nos anos 80 foi possível implantar a Fundação Educar, vinculada ao Ministério da Educação, que ofertava apoio técnico e financeiro às iniciativas de alfabetização existentes e somente em 1996, surge à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº. 9.394/96 (NEGREIROS; CAMPOS, 2019).

O professor, segundo Santos, Pereira e Amorim (2018) desempenha um papel fundamental na EJA, especialmente no processo de reintegração do aluno à escola. Sua atuação é essencial para o sucesso da aprendizagem, sendo muitas vezes visto como um modelo a ser seguido assim como a sua influência é de grande relevância para a trajetória educacional e pessoal dos estudantes nessa modalidade de ensino.

Segundo Caldeira (2000) o/a professor/a, no contexto da EJA, necessita se desvincular de identidades já produzidas, levando em consideração que a identidade é produto social e da própria ação do sujeito, neste caso, a identidade do/a professor/a deve ser,

[...] movida e constitui-se num processo de construção/desconstrução/reconstrução permanente, pois cada lugar e

cada tempo demandam redefinições na identidade desse profissional. Trata-se, assim, de um processo de produção do sujeito historicamente situado. Ela ocorre, portanto, em um determinado contexto social e cultural em constante transformação, refletindo um processo complexo de apropriação e construção que se dá na interseção entre a biografia do docente e a história das práticas sociais e educativas, contendo, deste modo, as marcas das mais variadas concepções pedagógicas (CALDEIRA, 2000, p. 02).

Conforme a citação, os educadores que se comprometem com a EJA, têm que possuir consciência da necessidade de buscar mecanismos, métodos e teorias que estimulem o público alvo a não abandonar a sala de aula, ou seja, o professor é o estimulador, o mediador.

Esses educadores devem ser comprometidos com a aprendizagem dessas pessoas, adequando métodos incessantemente cada vez mais relacionados à realidade do público que estão trabalhando, inserindo no currículo a realidade do estudante conforme nos traz a citação,

Com maior razão, pode-se dizer que o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo. Jamais um professor aligeirado ou motivado apenas pela boa vontade ou por um voluntariado idealista e sim um docente que se nutra do geral e também das especificidades que a habilitação como formação sistemática requer (BRASIL, 2002, p.56).

Comungando com a passagem acima, Freire (2003, p. 153), diz que, *“não há razão para se envergonhar por desconhecer algo, testemunhar a abertura dos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa”*.

Sabemos que os professores da Educação de jovens e adultos ao estarem em uma sala de aula com estudantes, se deparam com novas mudanças e precisam adaptar-se com alunos de mais idade que não sabem ler e/ou escrever. Ao dar continuidade na reflexão acerca da identidade do professor da EJA, Arroyo (2001) nos diz que devemos ter cuidado, pois,

[...] aproveitar os professores de 1ª a 4ª, e de 5ª a 8ª, dando a eles certa ‘reciclagem’ [...] continuemos formando o que já está sendo formado: um professor generalista que poderá dar aula no diurno, a crianças e adolescentes, e no noturno, a jovens e adultos. Agora, se caminarmos no sentido de que se reconheça as especificidades da educação de jovens e adultos, aí sim teremos de ter um perfil específico do educador da EJA (ARROYO, 2001, p. 20-21).

Por fim, nota-se a partir das considerações do autor que há uma necessidade de um trabalho profissional específico qualificado para atuar na modalidade de ensino EJA, isto é,

um trabalho que venha construir um caminho que valide as necessidades e desejos dos estudantes e, que apesar de todas as dificuldades, ainda enxergamos uma escola que abraça as diversidades, ao mesmo tempo em que, estabelecendo relações flexíveis entre professor-aluno e, que aos poucos nos aproximará através dos conteúdos e práticas desenvolvidas em sala, pois ao contrário disso, estaremos destinados a uma EJA de exclusões.

CAPÍTULO 3: OS IMPACTOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIOCULTURAL DOS ESTUDANTES DE UMA COMUNIDADE EM BATURITÉ-CE

Neste capítulo nosso foco volta-se para a escola pesquisada, a partir das falas trazidas pelo grupo focal, dos estudantes que se prontificaram a participar da pesquisa, trazendo suas inquietações, possibilidades e desafios para pensar os efeitos da EJA em suas formações pessoais e sociocultural, a partir das práticas e metodologias utilizadas por docentes em sala.

3.1. A escola e o grupo focal

É preciso lembrar, antes de tudo, que a chegada à instituição se fez por meio da disciplina de Estágio Supervisionado em EJA, nisto o progresso desse processo ocorreu de forma contínua, tanto nas idas à escola, quanto no suporte, onde de início foram realizadas apenas observações, mas que gradualmente houve intervenções no sentido de auxiliar o trabalho da professora regente para/com sua turma que abrange do 1º ano dos Anos Iniciais, conhecido como Ensino Fundamental I ao 9º ano dos Anos Finais do Fundamental II.

Uma verdadeira sala multiseriada com conteúdos de níveis diferentes que precisam ser levados em conta e conciliados pela docente, além das dúvidas sobre qual é a melhor maneira de distribuir os estudantes em sala de aula, bem como a preocupação constante de avançar no aprendizado sem deixar ninguém para trás. De tal forma, a filosofia da escola é voltada para o resgate do ser humano, visando sua realização pessoal e preparando-o para exercer a cidadania, tornando-se apto para o trabalho e proporcionando total bem-estar.

Ao passar dos dias foi perceptível que precisava discorrer sobre essa vivência, de tal forma, trazendo essa experiência para dentro da academia, refletindo e discutindo juntamente com outros profissionais em formação que, acabou tornando-se dados deste último capítulo. Esta experiência despertou-me um profundo interesse em prosseguir na área da Educação de Jovens e Adultos, pesquisando, escrevendo e dando continuidade aos estudos da área.

Segundo Santos (2019) a sociedade espera que a escola seja atrativa, confortável e que as pessoas se sintam bem nela, atendendo às necessidades de sua clientela. Além disso, a escola deve garantir o ingresso, a permanência e o sucesso dos alunos, enquanto a comunidade deve estar comprometida e ser responsável pelas ações educativas, e a partir do acompanhamento da escola e lendo o seu PPP conseguimos observar uma escola que possui muitos desafios, porem tem uma comunidade escolar comprometida com a instituição.

Acompanhar as aulas no período noturno representa um desafio adicional para eles, mas é notável o entusiasmo que demonstram ao estar na sala de aula e, que transcende, muitas das vezes, quando há um profissional que desempenha seu papel com habilidade e dedicação.

A escola está localizada no Maciço de Baturité¹⁴, especificamente no Centro de Baturité, região interiorana do estado do Ceará. Para os residentes do município, há linhas de transportes de todos os municípios que se conectam entre si, principalmente com o Centro de Baturité. Para quem vem de Fortaleza há uma linha direta oferecida por empresas intermunicipais que percorre toda a CE060 e CE356.

A seguinte Escola Municipal de Ensino Fundamental encontra-se em uma comunidade bastante carente, com famílias numerosas, algumas se sustentam com os trabalhos nas pequenas feiras de artesanatos e de produtos caseiros. Há poucas possibilidades de lazer na comunidade: há uma pequena praça no centro da cidade, com brinquedos precários, taxistas espalhados por toda a cidade que faz os moradores se movimentar entre suas residências e os estabelecimentos comerciais, de saúde, bancários, entre outros.

Além disso, há a Associação de Moradores do Baturité, que promove a cozinha solidária, o acolhimento a famílias em situação de vulnerabilidade, o CRAS, que atende a um grupo de mulheres, mães e terceira idade, por fim, o posto de Saúde Familiar, com atendimento médico e odontológico para toda a comunidade. Há também uma rede afetiva organizada por especialistas da área educacional, saúde e social, que atende estudantes (crianças e adolescentes) que se encontram em situação de abandono familiar.

A referente escola é à base da comunidade em que se faz presente, auxiliando na proteção, alimentação e educação dos estudantes, já que muitas não têm em casa o que tem dentro da escola, refiro-me a questões materiais, afetivas e psicológicas. Sobre os dados da instituição, a mesma atende os três turnos, com aproximadamente 950 alunos, com faixa etária dos 6 aos 70 anos, 32 professores/as, 3 coordenadores, 1 secretária e 1 diretor.

Sobre a estrutura física, a escola possui 15 salas de aula, biblioteca, refeitório e cozinha, sala dos professores com banheiro privado, sala para os funcionários/as, 1 quadra de esportes, 1 pátio, 1 sala para o Atendimento Educacional Especializado (AEE), 3 salas destinada ao programa Mais Educação (programa que atende alunos do 2º e 3º anos), ainda há o laboratório de informática, com 15 computadores, 9 mesas pedagógicas e 3 banheiros dividindo-se em masculino, feminino e um acesso para pessoas com deficiência (PcD).

¹⁴ A região é composta por 13 municípios: Acarape, Aracoiaba, Aratuba, Barreira, Baturité, Capistrano, Guaramiranga, Itapiúna, Mulungu, Ocara, Pacoti, Palmácia e Redenção. Sendo possível acessar as cidades por meio das rodovias: CE-060, CE-065 e CE-356.

Há conexão com a Internet do tipo banda larga, mas o uso da mesma juntamente com os equipamentos deve ser feito somente mediante o profissional em sala de aula. Do ponto de vista do Projeto Político Pedagógico (PPP), a mesma entende a educação como processo de formação da totalidade humana, através de uma inserção social consciente e emancipatória, isto é, como uma prática de liberdade, sinônimo de que “ensinar que qualquer um pode aprender” como nos traz Bell Hooks,

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também crêem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que crêem que nosso trabalho não é simplesmente partilhar informação, mas sim participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos [...] (BELL HOOKS, 2013, p. 25).

Conforme a citação acima, as ações pedagógicas dentro da escola são pensadas para acontecer de forma dinamizada a partir das relações que são estabelecidas no dia a dia do ambiente escolar, objetivando não deixar de lado a individualidade de cada indivíduo, respeitando as diferenças de estilo e de aprendizagem de cada um.

Como defende os escritos trazidos por Paiva (2012) os adultos são sujeitos sociais, históricos e culturais estando em constante processo de construção e reconstrução do seu ser. Nessa perspectiva de integralidade, o adulto deve ser considerado como um ser único, por isso, o docente que atua na EJA necessita identificar e validar os conhecimentos prévios de seu público, fazendo-se mais ainda estar consciente do que eles sabem no momento para poder atuar com intencionalidade pedagógica.

A comunidade é vista pela escola, segundo os dados do PPP (2024, p.21), como “o coração da escola, uma vez que reúne todas as pessoas envolvidas de forma direta pela instituição. Considerado um importante fator de desenvolvimento social — não só para a localidade em que a instituição se encontra, mas também para os alunos, os professores, a equipe técnica e os demais colaboradores”. As famílias que moram em torno da escola pessoas que sofrem, na sua maioria, de consequências econômicas e socioculturais, além do problema da falta emprego, tendo que se adaptar a um nível salarial baixo e com poucas opções de lazer, isso acaba justificando uma parte de sua ausência dos estudantes da EJA.

Ademais, a gestão fica como parte responsável por administrar os recursos que a instituição escolar dispõe. O nível administrativo desta unidade escolar é público, possuindo unidade executora, que anualmente recebe recursos financeiros para a manutenção da escola, garantindo o ingresso, a permanência e o sucesso de seus estudantes.

A parte da administração tem um quadro de funcionários que apresentam um bom relacionamento com todos os segmentos que fazem a escola, uma Instituição onde é proclamada a educação a partir de uma gestão democrática e participativa, isto é, *“aquela em que os seus participantes estão coletivamente organizados e compromissados com a promoção de educação de qualidade para todos”* (LUCK, 2009, p. 69).

A respeito da sua visão de mundo, segue informações retiradas do PPP,

a promoção de uma instituição aberta, democrática, legítima em direitos, deveres e objetivos, através da formação do leitor competente, consciente, politicamente ativo, comprometido com a melhoria da sociedade no geral (PPP, 2024, p.24).

Durante o período de estágio, pude observar ainda a notável interatividade, especialmente no que se refere ao empenho da turma em cumprir as atividades propostas por alguns regentes, me proporcionando uma sensação de satisfação, acreditando que nem tudo estava perdido, havia sim, a intenção de transformar vidas! Por outro lado, em nenhum momento me senti rejeitada ou excluída por eles, contrariamente às minhas expectativas, que inicialmente consideravam a possibilidade de desafios devido à diferença de faixa etária.

Ao longo do meu acompanhamento com a turma, tive a oportunidade de colaborar e oferecer apoio, tanto aos professores, quanto aos discentes, sempre que necessário. Nesse contexto, a experiência de estar em uma sala de Educação de Jovens e Adultos (EJA) se mostrou desafiadora e gratificante simultaneamente. Lidar com realidades diversas e com estudantes que já têm suas opiniões formadas e visões de futuro, muitas vezes com o objetivo de melhorar suas vidas ao concluir uma etapa de seus estudos que, por diversos motivos, foi interrompida, foi uma experiência reveladora.

Portanto, testemunhar a determinação desses estudantes em concluir seus estudos e buscar uma educação de qualidade é extremamente gratificante para um educador, pois a maioria dos estudantes possui ocupações como agricultor de subsistência, doméstica, feirante, autônomos, vigilante e mecânico. E toda essa experiência reforçou a convicção de que devemos sempre aspirar a grandes realizações e nunca desistir de perseguir nossos objetivos.

Ao aprofundarmos no que diz respeito à realização do grupo focal, a coleta de dados foi realizado de forma presencial com quatro estudantes (homens e mulheres) da EJA com idades diversas (32-70 anos) no dia 07 de Março de 2024 pela noite. A realização do grupo focal foi registrada em formato de áudio (com autorização dos participantes) para serem descritas nesta seção e, em seguida, para a realização de análise.

Para a realização do debate com os participantes foi produzido um roteiro, com cerca de 10 questões, que durante o processo iam sendo modificadas, par atingir ao objetivo do estudo. O sigilo de dados dos participantes é fundamental, dessa forma, ficarão resguardados, garantindo a integridade conforme Ventura e Oliveira (2022, p. 01) ao falar que integridade “*constitui uma recente dimensão da ética em pesquisa que orienta as boas práticas científicas e demarca deveres profissionais*”, desse modo, optei pela utilização de nomes fictícios.

3.2. Os diálogos estabelecidos

A primeira análise trata-se sobre uma dinâmica de estoura balão, onde havia temas voltados para “leitura, números e escrita”, na qual a mesma desenrolava-se após somente o indivíduo estourar seu balão, a partir disso, lançávamos perguntas e os mesmos respondiam. Lembrando que como alguns ainda estão em processo de aprender a ler, por algumas situações os outros alunos acabavam por ajudar. A pergunta inicial para pensarmos as demais ocorreu da seguinte forma: o que te fez parar de estudar?

Maria (participante 1) respondeu de imediato, com suas palavras da seguinte forma,

O que me fez parar para ajudar é que tive que sair de casa muito cedo para trabalhar fora. E aí me juntei também muito cedo para dividir as dificuldades. Só que agora eu voltei com muito prazer, muito gosto. Aprendi bastante, passei de ano. **E minha dificuldade agora na sala de aula é matemática. Foi muito bom, eu vou continuar até terminar. Vou mostrar para o mundo, para os professores e para as pessoas que eu vou ensinar a vida e que, apesar de todas as minhas dificuldades, vou conquistar a minha faculdade.** Vou chamar vocês. (Informação Verbal, grifos nossos).

Como podemos observar, Maria afirma ter deixado seus estudos por necessidade, afinal a escola não iria garantir sua sobrevivência, bem como dos demais que residiam com ela. Com o seu retorno, ela traz para dentro da sala de aula uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Aberta à aprendizagem, Maria chega à sala de aula com um olhar ativo e curioso, mesmo sentindo-se insegura, como relata ao falar sobre a disciplina de Matemática.

De acordo com Santos (2003) esse sentimento de insegurança e inferioridade pelos estudantes da EJA se faz bastante presente, segundo ele, acarretado por vários fatores,

Os jovens e adultos pouco escolarizados trazem consigo um sentimento de inferioridade, marcas de fracasso escolar, como resultado de reprovações, do não aprender. A não-aprendizagem, em

muitos casos, decorreu de um ato de violência, porque o aluno não atendeu às expectativas da escola. Muitos foram excluídos da escola pela evasão (outro reflexo do poder da escola, do poder social); outros a deixaram em razão do trabalho infantil [...] (SANTOS, 2003, p. 74).

De tal forma, essa resposta ilustra as complexidades da experiência dos estudantes da EJA, bem como sua resiliência e determinação em superar os obstáculos para alcançar seus objetivos educacionais. Seguindo nesse mesmo percurso, José (Participante 2) saiu de seu silêncio e discorreu da seguinte forma:

Eu mudei de escola professora. Aí foi muito complicado na época, transferência de documento, não tinha declaração. Aí eu tive que começar do zero. Foi praticamente o ano perdido porque cheguei um ano não teve declaração, não teve nada, e a escola não me aceitava, né? Foi desse jeito aí disse pronto, vou ficar em casa. Aí vem mais pelo incentivo vim para cá por conta do meu filho me incentivou muito. 'Mãe, começa, mãe, começa tudo de novo.' Aí de tanto eu viver assistindo dele viver insistindo, porque meu filho tá certo. Aí através do meu filho, eu abri minha mente e estou aqui (Informação Verbal, grifos nossos).

Como se pode observar na fala do segundo participante, o mesmo acaba ilustrando os desafios burocráticos e administrativos que podem surgir ao tentar continuar os estudos após uma mudança de escola. Ele descreve as dificuldades enfrentadas devido à falta de documentação e à recusa da escola em aceitá-lo, resultando em um período de interrupção nos estudos. Essa situação, para ele, acaba sendo desanimadora e frustrante, levando-o a decidir temporariamente parar de estudar.

Por outro lado, essa fala representa uma questão que muitas das vezes não é levantada, a qual os estudantes acabam por desistindo pela ausência de documentos, fato este que traz vários questionamentos sociais e também de falta em alguns momentos de preparo da escola de ser sensível em relação a essas situações. Por isso, a necessidade de compreender e respeitar a pluralidade cultural, as identidades e, principalmente as questões que envolvem classe, raça, saber e linguagem dos alunos, conforme apregoa Arbaché,

Visualizar a educação de jovens e adultos levando em conta a especificidade e a diversidade cultural dos sujeitos que a elas recorrem torna-se, pois um caminho renovado e transformador nessa área educacional (ARBACHE, 2001, p.22)

No entanto, o apoio e a insistência do filho do segundo participante foram determinantes para sua decisão de retomar os estudos. O incentivo do filho desempenhou um papel fundamental ao reativar seu desejo de educação e motivá-lo a superar os obstáculos

anteriores. Isso ressalta a importância do apoio social e familiar na jornada educacional dos alunos da EJA, conforme explica Venâncio (2024),

O fortalecimento da relação escola-família proporciona envolvimento nos estudos ajudando no equilíbrio emocional dos filhos, melhorando a aprendizagem. Assim os responsáveis precisam reconhecer que a função da escola não se restringe somente em transmitir conhecimentos, mas proporcionar condições de formar alunos críticos e participativos na sociedade, e nesse espaço de socialização do conhecimento científico, os alunos não aprendem igualmente. A questão da participação dos pais na educação escolar dos filhos é de grande importância, devendo acontecer frequentemente, acompanhando todo o processo educativo. Para que isso aconteça é necessário que a escola e a família estejam em sintonia para exercer suas influências no desenvolvimento da criança. Assim, essa nova percepção de educação começa a suscitar uma nova herança cultural no aluno, onde ele entra em contato com outros sujeitos e começa uma nova forma de socialização. Nesse contexto é possível observar a distinção das funções da família e da escola, compreendendo que uma necessita da outra, e que se uma dessas instituições não cumpre o seu papel, a outra fica sobrecarregada e acaba por dificultar o desenvolvimento da criança (VENANCIO, 2024, 13).

Assim, a autora destaca a influência positiva do apoio familiar na superação desses obstáculos e no retorno à educação. Conduzindo e aprofundando ainda mais a conversa com os participantes, a seguinte participante, Francisca (Participante 3) preferiu discorrer a respeito da representação docente para a turma, bem como para si mesma,

Eu aprendi só com ela mesmo porque ela é pequenininha. Nunca peguei um negócio de estudo só com ela mesmo. **Mas pequeno só as letras mesmo, isso aqui é muito miúda nem para a gente ver, muita dificuldade na visão, mas a professora me ajuda bastante nesse nosso estudo** (Informação Verbal, grifos nossos).

A fala da participante revela a importância da docente de Língua Portuguesa em sua experiência educacional. Ao descrever a professora como "pequeninha" e destacar que só teve contato com o estudo através dela, a participante evidencia a forte conexão emocional e pedagógica que estabeleceu com essa professora em particular.

A referência à dificuldade na visão sugere que a participante possa ter enfrentado desafios adicionais relacionados à sua saúde visual, tornando o apoio e a assistência da docente ainda mais significativo para sua aprendizagem e formação humana. Afinal, os seres humanos ganham sua humanidade na relação com os outros, isto é, no processo educativo, configurando a escola como um espaço apropriado para a formação humana em todas as suas dimensões, como alerta Coelho (2009) em seus estudos,

O que justifica, dá vida e sentido à escola, à relação pedagógica, ao trabalho de docentes e discentes, são o processo de formação humana que aí se realiza e a relação de professores e estudantes com a cultura, com o pensamento, com o saber vivo, instigante e que a cada momento se produz, se interroga e se recria (COELHO, 2009, p. 16).

O fato de a terceira participante expressar que a professora a ajuda bastante, apesar das dificuldades visuais mencionadas, ressalta a eficácia do suporte e orientação proporcionados pela mesma. Isso sugere que a professora não só oferece ajuda escolar, mas também apoio emocional e motivacional, contribuindo para o bem-estar e o progresso educacional da estudante e, conseqüentemente, de toda a turma.

Por conseguinte, dando encaminhamento na roda de conversa, chegamos à pauta dos sonhos, afinal somos sujeitos que sonham e buscamos, muitas das vezes, a realização através da educação, assim como de Frei (participante 4) ao compartilhar sua fala com os demais,

Meu maior sonho é finalizar os estudos, aprender a ler. E quando terminar de aprender a ler, eu vou fazer uma faculdade. Quero ser que nem vocês que vieram aqui, sabe? Eu vou chamar vocês, tudinho, para minha festa. Tem problema? Quero comemorar esse momento que será muito especial na minha vida. Vocês vão tudinho, né? (Informação Verbal, grifos nossos).

A fala do quarto participante revela um sonho significativo e alcançável: finalizar os estudos e aprender a ler. Esse desejo reflete um compromisso pessoal com sua educação e desenvolvimento, além de evidenciar a valorização que ela atribui ao conhecimento e à formação acadêmica. Ao mencionar o desejo de frequentar a faculdade após aprender a ler, o participante demonstra ambição e determinação em alcançar objetivos educacionais mais elevados e mesmo diante de desafios passados, o mesmo assume a educação como um ato responsável que segundo Kramer (2003) tal situação nos leva ao seguinte desafio,

Assumir a responsabilidade que temos e as respostas que devemos dar aos outros, com nossas ações e com o nosso conhecimento. O conceito de diálogo contribui para a reflexão sobre esse ponto. O desafio de conhecer o outro implica atuar na educação de tal modo que seja possível não só que eu exerça o papel da primeira pessoa (aquela que fala) e dá valor ao tu (aquele com quem eu falo), mas também que assegure a voz do outro (esse terceiro de quem eu/ nós sempre falo/falamos), sobretudo de modo a transformar esse outro (ele, ela, a terceira pessoas) em um tu e um eu. [...] É pela fresta da contradição que percebo a presença em mim do outro (KRAMER, 2003, p. 32-37).

Mediante o exposto e a expressão do participante em querer celebrar essa conquista com os demais reforça ainda mais a importância do apoio social e do reconhecimento externo

para o seu processo de aprendizagem. Essa atitude também sugere um forte desejo de compartilhar sua realização com aqueles que a apoiaram ao longo do caminho. Portanto, essa resposta destaca não apenas os sonhos individuais do participante, mas também sua resiliência e determinação em perseguir esses objetivos educacionais, mesmo diante de dificuldades.

Essa análise reflete a importância de reconhecer e apoiar os sonhos e aspirações dos alunos da EJA em sua jornada educacional. Desse modo, ao refletirmos sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), estamos lidando com um campo em transformação, exigindo que a/o professor/a tenha uma formação continuada,

O perfil do educador de jovens e adultos e sua formação encontram-se ainda em construção. Temos assim um desafio, vamos ter que inventar esse perfil e construir sua formação. Caso contrário, teremos que ir recolhendo pedras que já existem ao longo de anos da EJA, e irmos construindo este perfil de educadores de jovens e adultos e de sua formação (SOARES, 2006, p.18).

Por fim, a citação do autor acima destaca a importância da formação e da qualificação docente para atuar nas salas de aula da Educação de Jovens e Adultos, de acordo com as demandas e especificidades apresentadas pela área, contribuindo assim para um currículo pautado na inclusão, que seja dialógico, dinâmico, crítico, histórico e, que acima de tudo, garanta a diversidade dos sujeitos e multiplicidade de tempos, espaços e ritmos.

Em suma, entende-se a partir da fala dos estudantes que a escola é necessária para ter melhores oportunidades de trabalho e que, ao vivenciarem essa escolarização, os mesmos se dão conta da importância do conhecimento para poder viver de uma forma diferente, com a amplitude no modo de se ver e se colocar no mundo e nas suas relações com os outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o ponto de partida desse trabalho foi à compreensão da EJA como um direito conquistado a partir de uma luta coletiva, isto é, daqueles que não tiveram acesso à escola em idade apropriada, na infância ou na adolescência. Tal direito, no entanto, precisa ser reafirmado, diariamente já que se trata de uma modalidade que traz a toda a realidade social de nosso país, bem como a desigualdade econômica, de gênero e, principalmente racial onde majoritariamente a sala de aula é composta por pessoas negras e trabalhadoras.

A Escola Coronel Estevão Alves da Rocha foi um lugar em que pude obter grande grau de instrução, esta experiência foi extremamente valiosa e confirmou meu interesse em seguir carreira na modalidade de Jovens e Adultos. Foi enriquecedor receber orientações de profissionais experientes, trocar experiências de vida com os estudantes acima de 50 anos, participar da construção dos diálogos, entre outras que não apenas aprimorou minhas competências, mas que também me permitiram contribuir para os objetivos da instituição.

Os impactos da EJA na formação pessoal e sociocultural dos estudantes em Baturité, conforme foi possível visualizar neste trabalho, integraram as dimensões da formação, da comunicação e da mobilização social. Apesar de apresentarem características distintas como revelado nas falas dos participantes, tais dimensões representam um todo que, integrado, acabou apontando a educação como um ato político, ferramenta compromissada com o desenvolvimento e com a emancipação humana, sendo a única capaz de mudar realidades.

A partir da educação, tive a oportunidade de entender um pouco do universo a qual me dispus a fazer parte. Ela me propiciou e até hoje me propicia inúmeros acontecimentos que guardarei com grande carinho, tendo em vista a docente que pretendo me tornar e, que além de tudo, me ensinou que aprender e ensinar estão intimamente ligados com a vontade forma que se é trabalhada. Afinal, se você ama seu trabalho, se gosta dele, você já é um sucesso.

Assim sendo, produzir pesquisas nessa temática, tendo como pano de fundo seus impactos na vida de estudantes da zona rural significa, antes de tudo, refletir sobre algumas práticas pedagógicas que vêm sendo desenvolvidas nessa área, mas que também, transparece os avanços ocorridos no campo e, que mesmo diante de tantas conquistas, ainda há muito que melhorar, pois já não basta garantir somente o acesso desses estudantes a escola, é preciso também garantir sua permanência a partir de práticas que venham incluir e integrar esses corpos, ao invés de excluí-los.

Ao longo da minha trajetória escolar ouvi que a educação gerava transformações profundas na vida das pessoas. É verdade! Ao longo dos anos na UNILAB fui adquirindo

habilidades e competências para enfrentar desafios, encontrar soluções inovadoras e alcançar meus objetivos. A educação não nos leva somente a enxergar o mundo de maneira diferente, como também a questionar o status quo e a buscar constantemente o crescimento pessoal e profissional. E a mesma caminha nesse sentido, minando os sonhos e transformando a realidade daqueles/as que dentro dela se fazem presentes.

Por fim, tenho como planos para o futuro, cursar o Mestrado Interdisciplinar em Humanidades (MIH) da própria Universidade da Integração (UNILAB) para aprofundar os conhecimentos, vista a necessidade de se construir uma EJA que reconheça a diversidade dos estudantes, credibilizando e legitimando saberes, fazeres e lutas de grupos historicamente marginalizados e silenciados. Criar um coletivo que acolha esses estudantes também é um sonho que ainda irei realizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGEBAILLE, Eveline. **A expansão escolar em reconfiguração.** Revista Contemporânea de Educação, v. 8, p. 198-216, 2013.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, P L; YOSHIDA, S M P F. **Professor: Desafios da prática pedagógica na atualidade.** Cuiabá: FIMGCSH, 2009.

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica.** Dissertação de Mestrado. RJ: Papel Vertical, editora, 2001.

ARROYO, Miguel. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão.** Alfabetização e cidadania: Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, Brasília: RAAAB, n. 11, p. 221- 230, 2001.

BALZAN, C. F. P.; SOUZA, M. D; PEDRASSANI, J. S.; VIEIRA, L R. **Os desafios no acolhimento e no ensino de língua portuguesa para estudantes imigrantes e refugiados na educação básica.** [S. l.: s. n.], 2023.

BARCELOS, Valdo. **Formação de professores para a educação de Jovens e Adultos.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 20 de jul. 2024.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9394 de 20 dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, p. 027833, col. 1, 23 dez. 1996.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série: introdução / Secretaria de Educação Fundamental.** 256 p.: il.: v. 2, 2002.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e inclusão (SECAD). **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunos e alunas da EJA.** Brasília: MEC, 2006.

_____. **Desafios da Educação de Jovens e Adultos no Brasil Sujeitos da Educação de Jovens e Adultos,** 2009.

CALDEIRA, Ana Maria Salgueiro. **A história de vida como instrumento para compreensão do processo de construção da identidade docente.** Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), 10, Anais, [cd-rom], Rio de Janeiro, 2000.

CASTEL, R. **As transformações da questão social**. In: BELFIORE-WANDERLEY, M.; BÓGUS, L.; YAZBEK, M.C. (Org.). *Desigualdade e a questão social*. 2 ed. São Paulo: EDUC, p. 235-272, 2000.

COELHO, Ildeu M. **Educação, cultura e formação: o olhar da filosofia**. Goiânia: Ed. PUC-Goiás, 2009.

CORTI, Ana Paula; VÓVIO, Claudia Lemos. **Jovens na alfabetização: para além das palavras, decifrar mundos**. Brasília: Ministério da Educação/Ação Educativa, 2007.

DUBET, François. **As desigualdades multiplicadas**. *Revista Brasileira de Educação*, v. 2 n. 17, p. 5-18, mai/jun/jul/ago, 2001.

FRANCO, M.A.P.B; NOVAES, G.T.F. **Os jovens do ensino médio e suas representações sociais**. *Cadernos de Pesquisa*. São Luiz, n. 112, p. 167-183, mar. 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários para a prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **A educação como prática da liberdade**. 23ª Ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 40 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta**. 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008.

_____. **Educação de Adultos como Direito Humano**. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, Série Cadernos de Formação 4, 2010.

GOMES, A. C. **Os significados que os alunos da EJA têm em relação à instituição escolar**. *Interagir: pensando a extensão*, v. 20, p. 1-21, 2015.

GOUVEIA, D. D. S. M.; SILVA, A. M. T. B. D. **A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais**. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 749-67, 2015.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos**. *Revista Brasileira de Educação*, n. 14, p. 108-130, 2000.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

HORIGUTI, Angela Curcio. **Do mobral ao PROEJA: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação Profissional integrada à Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2009.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRAMER, S.. **Infância e Sociedade: o conceito de infância**. In: KRAMER, S.. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. São Paulo Ed. Cortez. 2003.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva. **Afetividade e letramento na educação de jovens e adultos EJA**. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, Jucimara Bengert. **Formação continuada e desempenho estudantil: o caso de Araucária – Paraná**. Curitiba, 2010.

LOPES, Selva Paraguassu; SOUSA, Luzia Silva. **EJA: uma educação possível ou mera utopia?** Disponível em: http://www.cereja.org.br/pdf/revista_v/Revista_SelvaPLopes.pdf Acesso em: 20 Maio 2024.

LOURO, Guacia L. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pósestruturalista**. In: A construção escolar das diferenças. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1997.

LUCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

MELO, Cristiane Araújo de. **O ensino remoto emergencial em tempos de pandemia do Covid 19: a Educação de Jovens e Adultos (EJA) Ensino Médio na Escola Estadual Professora Maria Ocila Bezerril**. Pedro Velho / RN / Cristiane Araújo de Melo - 2021.

MOURA, T. M. M. **Formação de Educadores de Jovens e Adultos: Realidade, desafios, e perspectivas atuais**. Práxis Educacional, v. 5, n. 7, p. 45-72, 2009.

NEGREIROS, F.; CAMPOS, H. R. **A Psicologia Escolar e a Educação de Jovens e Adultos**. Campinas: Alínea, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 20 jul. 2024.

PAIVA, Jane. **Formação docente para a educação de jovens e adultos: o papel das redes no aprendizado ao longo da vida**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 21, n. 37, p. 83-96, jan./jun. 2012.

PEREIRA, J. V. **Tendências históricas da educação dos jovens e adultos no Brasil: da subordinação a tentativas de emancipação**. Educativa, v. 17, n. 1, p. 175-200, 2014.

PINTO, A.V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1989.

PPP, Projeto Político Pedagógico. **Escola Coronel Estevão Alves da Rocha**. Secretaria Municipal de Educação de Baturité, Ceará, 2024.

RANGEL, Elba Alonso. **Jovens e adultos trabalhadores pouco escolarizados no Brasil: problema estrutural para o desenvolvimento nacional**. 2011. Trabalho de Conclusão de curso (Monografia apresentada ao Departamento de Estudos da Escola Superior de Guerra como requisito à obtenção do diploma do Curso de Altos Estudos de Política e Estratégia). Rio de Janeiro, 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANTOS, Francisco Danierbes de Sousa. **Teoria Queer: um estudo das práticas pedagógicas na EMEIEF Parque Piratininga**. 23 f. Projeto de pesquisa (Graduação) - Curso de Graduação presencial, bacharelado em Humanidades. Instituto de Humanidades (IH), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Redenção-CE, 2019.

SANTOS, J. S.; PEREIRA, M. V; AMORIM, A. **Os sujeitos estudantes da EJA: um olhar para diversidade**. Revista Internacional de Educação de Jovens e Adultos, v. 1, n. 1, 2018.

SANTOS, M. L. L. **Educação de jovens e adultos: marcas da violência na produção poética**. Passo Fundo: UPF, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SIQUEIRA, A. B. **O retorno de jovens e adultos aos estudos formais após 20, 30, 40 anos**. Poiésis, Tubarão, v. 2, n. 1, p. 33-43, jan./jun. 2009.

SOARES, Leônicio. **Formação de Educadores de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: 2006

SUZANA, Schwartz. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Ávila, Cristina Maria. **Profissão docente: Novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.

VENANCIO, Maria Do Parto Ramalho. **A Importância da Participação da Família na Escola**. Linguística, Letras e Artes, Volume 28 - Edição 134/MAI 2024.

VENTURA, Ventura, M., & Oliveira, S. C. de. **Integridade e ética na pesquisa e na publicação científica**. Cadernos De Saúde Pública, 38 (1), 2022.

ANEXOS

ROTEIRO DE GRUPO FOCAL – PERGUNTAS ELABORADAS

Introdução:

- Apresentação pessoal; Apresentação dos objetivos da pesquisa, a necessidade de gravação e assinatura do termo de consentimento; Observar que não há respostas certas ou erradas.

Contexto da escola:

1. Por que você escolheu a EJA como modalidade de ensino?
2. Quais as dificuldades encontradas por você em sala de aula?
3. O material que você utiliza corresponde a sua realidade?
4. Além do livro didático, quais os outros recursos que o professor utiliza em sala de aula?
5. Você recebe algum estímulo por parte dos profissionais da escola? Como?
6. Você acha que os profissionais estão habilitados para trabalhar com a EJA?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu estou sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar do estudo **“REESCREVENDO HISTÓRIAS: A EXPERIÊNCIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA DE BATURITÉ-CE”** e que tem como objetivo analisar os efeitos da alfabetização na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na vida dos estudantes adultos e idosos de uma escola da rede pública municipal de ensino do município de Baturité, no interior do Ceará. Acreditamos que ela seja importante porque pode ampliar o conhecimento sobre o assunto, tendo em vista a pouca discussão que se tem sobre este tema.

PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO

A minha participação no referido estudo será através da participação em um grupo focal, a ser realizado de forma presencial, garantindo-se o sigilo das informações.

RISCOS E BENEFÍCIOS

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, não existir benefício direto pela participação. Recebi informações, de que não haverá desconfortos ou riscos advindos de minha participação.

SIGILO E PRIVACIDADE

Estou ciente de minha privacidade respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma me identificar será mantido em sigilo. Os

pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade dos dados, bem como a não exposição dos dados de pesquisa.

AUTONOMIA

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Também fui informado de que posso recusar a participar do meu representado no estudo, ou retirar o consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, este não sofrerá qualquer prejuízo à assistência que vem sendo recebida.

CONTATO

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são Samara Lourenço dos Santos, estudante (Pedagogia-UNILAB) e Prof. Dr. Luís Carlos Ferreira e com eles poderei manter contato pelos telefones: (85) 98434-1340.

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UNILAB (CEP) pelo telefone (85) 3332-1414 entre segunda e sexta-feira das 08h00 às 17h30 ou pelo e-mail cep@unilab.edu.br.

DECLARAÇÃO

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações deste termo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pelo pesquisador responsável do estudo. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

DADOS DO PARTICIPANTE DA PESQUISA	
NOME:	
ASSINATURA:	
DATA:	